

Comunicar-se-á, desse modo, o tarefeiro desencarnado com qualquer companheiro da Terra, qual o lavrador que, decerto, muitas vezes despenderá mais atenção para com o pântano ou para com a gleba insultada de espinhos, na extensão da cultura que lhe compete realizar, à maneira do próprio Cristo que afirmou não ter vindo ao caminho da humanidade para curar os sãos.

Assim é que mensagens do Além ou pregações do mundo, quando incompreendidas ou espoliadas em sua significação natural e justa, não atingem o corpo de princípios doutrinários que representam a fonte de nossa regeneração e acrisolamento para a Vida Superior.

Todos nós, nas esferas de luta em que nos entrosamos, somos criaturas necessitadas de aprimoramento e resgate, laborando sob os impositivos da própria sublimação diante da Lei.

Eis por que a nós todos é imprescindível o estudo meditado e a prática sincera da Doutrina que esposamos sob a égide do Mestre divino, cabendo-nos a obrigação de escutar, com o necessário discernimento, a palavra dos que falam em nome do Evangelho, provando no íntimo de nós mesmos se procedem da inspiração do Senhor, porquanto os espíritos a que se refere o apontamento apostólico tanto podem ser desencarnados quanto encarnados, com residência temporária no plano físico ou no Espaço, na Terra ou no Céu.

Emmanuel

Reformador | Fevereiro de 1957

EM SAUDAÇÃO À CASA DE ISMAEL



As rivalidades de Tróia eram o assunto palpitante de cronistas e guerreiros do mundo antigo, culminando com a perseguição dos gregos, famintos de vingança. Entretanto, da corte de Príamo, do arrojo de Páris, da beleza de Helena, da bravura de Aquiles e da habilidade de Filoctetes restam apenas os livros admiráveis de Homero, que brilham na cultura terrestre há quase três milênios.

Condenado pelos preconceitos de sua época, Sócrates, o filósofo eminente, foi estrangido a morrer pela cicuta. Todavia, enquanto o recinto da Acrópole encerra hoje consigo tão-somente o mausoléu da glória de Atenas do passado, as ideias do grande pensador continuam vivas na atualidade através dos livros de Platão.

O primeiro século do Cristianismo sofreu a presença de tiranos dignos de piedade, mas da espessa camada de cinza

em que desapareceram o capricho de Tibério, a loucura de Calígula e a insânia de Nero ressurgem os livros imortais de Horácio e Virgílio, Tito Lívio e Salústio, plasmando as mais nobres expressões do gênio latino.

Os séculos XVI e XVII anotaram, estarrecidos, os processos da Inquisição que estenderam garras de cativo e crueldade sobre o corpo da Europa. Contudo, das fogueiras e calabouços do Santo Ofício, renascem, plenos de beleza, os livros de Shakespeare e Cervantes, Lafontaine e Racine, definindo os anseios da humanidade.

O século XIX, iniciado sobre o sangue da revolução e da guerra, contemplou transições violentas e rudes, fustigado pelas sombras do ateísmo e da negação. No entanto, da luta aberta dos generais e dos ditadores, e do pessimismo exagerado de escritores e cientistas que o túmulo encobre, destacam-se os livros de Allan Kardec, revivendo o Evangelho de Jesus no Espiritismo, em pletora sagrada de sublimes consolações.

Só o livro é a claridade que fica entre os homens como herança dos homens que ensinam e passam.

Sem ele, as civilizações de ontem dormiriam nas trevas.

Ele é a voz reveladora da Índia no Maabarata, o canto da Pérsia no Zend-Avestá, a palavra do Egito no Livro dos Mortos, a experiência da China no Yi-King e a fidelidade do povo hebreu no Velho Testamento.

Nele, conserva Pitágoras a flama da ciência.

Por ele, flui o pensamento de Sidarta, o santo instrutor do Budismo.

Com ele, Jesus, o divino governador da Terra, acende a lâmpada imperecível do seu Evangelho de redenção e de amor.

Celebrando, pois, o primeiro centenário de *O Livro dos Espíritos*, reverenciamos a memória de Allan Kardec, saudando igualmente a Federação Espírita Brasileira que, em três quartos de século do Espiritismo codificado, vem construindo no silêncio e no trabalho de sua obra impessoal, sob a égide dos mensageiros da Vida Superior, o santuário moral do livro espírita dentro da dignidade doutrinária, clareando consciências e inspirando corações para o serviço do Cristo como roteiro de claridade, fonte de esperança e celeiro de luz.

Irmão X

Reformador | Abril de 1957